

[ARQUIVO EM CARTAZ 2019]
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

mulheres

d e C I N E M A



mulheres

d e C I N E M A

Copyright © 2019 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
Sergio Fernando Moro

Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Leticia dos Santos Grativol (substituta)

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Larissa Candida Costa

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Mariana Rodrigues Carrijo

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativol

Coordenadora de Preservação do Acervo
Mariana Barros Meirelles (substituta)

Realização
Arquivo Nacional

Grupo de Trabalho Arquivo em Cartaz

Aline Camargo Torres (coordenação das oficinas técnicas)

Ana Carolina Reyes (coordenação-executiva)

Carla Machado Lopes (coordenação da mostra competitiva)

Carlos Eduardo Marconi de Carvalho (coordenação da oficina de criação de filmes Lanterna Mágica)

Cláudia Negreiros Tebyriça (coordenação das oficinas técnicas)

Januária Teive de Oliveira (coordenação da oficina de criação de filmes Lanterna Mágica)

Luciene de Almeida Simonini (coordenação das mostras Arquivo Faz Escola e Arquivos do Amanhã)

Maria Elisa da Cunha Bustamante (coordenação da mostra competitiva)

Maria Elizabeth Brea Monteiro (coordenação de debates e mesas-redondas)

Mariana Monteiro da Silveira (curadoria)

Mauro Domingues (coordenação de debates e mesas-redondas)

Sylvana Cotrim Lobo (coordenação-executiva)

Valéria Maria Morse Alves (coordenação das mostras Arquivo Faz Escola e Arquivos do Amanhã)

Viviane Gouvêa (curadoria)

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição

Antonio Laurindo

Rafael Medeiros Santos

Revisão

José Claudio Mattar

Mariana Simões

Pesquisa de imagens

Antonio Laurindo

Projeto gráfico e diagramação

Alzira Reis

Arte da capa

Simone Kimura

Imagem da capa: <https://www.freeimages.com/francescomaglione>

Mulheres de cinema

Mariana Monteiro

Viviane Gouvea

Curadoras do Festival Arquivo em Cartaz, 2019

Depois que termina a ditadura, quando eu volto ao cinema, tinha muitos coletivos de mulheres, por exemplo. Tinha muitos festivais de mulheres. Quando eu comecei no cinema existiam no mundo milhares de festivais de mulheres, que eram fruto desse movimento [feminista] muito forte dos anos 1970. No Brasil, particularmente, em relação ao cinema, você tem uma grande mudança que é a entrada de mulheres dirigindo, que antes não existia. No Cinema Novo, que foi o grande momento estético e cultural do nosso cinema, você não tinha uma mulher dirigindo, não tinha poder nenhum, o poder estava totalmente na mão dos homens, como estava na maior parte da área cultural.

| Lucia Murat¹

O Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo – se propõe, em sua quinta edição, o desafio de resgatar trajetórias de mulheres que foram fundamentais na história do cinema brasileiro, mas que, por força de apagamentos e esquecimentos, ainda não alcançaram um espaço justo na memória coletiva nacional. No embate entre memória oficial e memória subalterna, Michael Pollak² afirma que o lugar das lembranças proibidas, indígneas ou vergonhosas são as estruturas de comunicação informal, que guardam

zelosamente esse conteúdo que passa despercebido pela sociedade englobante. Nesse sentido, o Arquivo Nacional procura romper com esse padrão e trazer à luz do presente o esforço de mulheres cineastas, que historicamente nunca receberam a devida atenção, para os espaços oficiais da memória.

A edição 2019 do Arquivo em Cartaz começou a ser concebida no primeiro semestre do ano. Decidido o tema – Mulheres de cinema –, uma das primeiras tarefas do grupo de trabalho responsável pelo evento foi encontrar,

1 Trecho de entrevista concedida por ocasião do lançamento do filme *Em três atos*. SIMONE de Beauvoir é inspiração para novo filme de Lúcia Murat. *Sempreviva Organização Feminista*, 2015. Disponível em: <http://www.sof.org.br/2015/12/15/lucia-murat/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

2 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

no acervo da instituição, imagens de algumas das mulheres que desempenharam papel fundamental no cinema brasileiro ou informações acerca do seu trabalho. Inicialmente, buscou-se por algumas das diretoras brasileiras mais conhecidas, como Adélia Sampaio, Ana Maria Magalhães, Carmem Santos, Cleo de Verberena, Eunice Gutman, Gilda Bojunga, Gilda de Abreu, Helena Solberg, Sandra Werneck e Suzana Amaral. O Arquivo Nacional guarda, em regime de comodato, acervos audiovisuais com obras de diretoras ou por elas depositados, como Maria Luiza Aboim, Lucia Murat, Helena Solberg, Isa Albuquerque e Elizabeth Formaggi- ni. Entretanto, não encontramos, em outros fundos da instituição, fotografias que ilustrassem o trabalho dessas mulheres enquanto diretoras. Quando elas se desdobravam em outros papéis (atriz ou cantora, por exemplo), encontramos imagens marcantes. Mas jamais atrás das câmeras, envolvidas com a tarefa de realizar um filme. Isso não causa surpresa, uma vez que são os filmes produzidos e dirigidos por homens que perfazem a esmagadora maioria do que é realizado, além de atraírem um público significativamente maior.

Outra constatação que saltou aos olhos em relação à pesquisa realizada no acervo foi a atenção dada pelo Sistema Nacional de Informações (SNI), cuja documentação foi recolhida ao Arquivo Nacional, às diretoras que constam nos bancos de dados. O nome de Helena Solberg, por exemplo, é encontrado em alguns documentos do SNI, ligado ao manifesto da mulher brasileira pela

anistia. Suzana Amaral é citada em outro documento, referente ao I Festival das Mulheres nas Artes. Eunice Gutman foi visada pelo nefasto órgão de vigilância em um encontro de mulheres de favelas e periferias do Rio de Janeiro e em atividades do movimento feminista no Brasil, atividades estas que também aparecem em documentos produzidos pelo SNI. O nome de Adélia Sampaio consta igualmente no acervo do órgão, pois chamou a atenção o seu filme *Adulto não brinca*, de 1982. Sem falar de Lucia Murat, cineasta sempre engajada e envolvida com questões políticas e sociais, que combateu abertamente a ditadura militar, pagando um alto preço por isso. Alguns filmes da sua produtora – Taiga Filmes e Vídeo – estão depositados em regime de comodato no Arquivo Nacional, e ela é citada algumas vezes na documentação do SNI. A presença dessas cineastas em documentos de um órgão de vigilância do governo militar ecoa, na verdade, o engajamento dessas mulheres em movimentos sociais, inclusive o feminista, que como qualquer iniciativa de organização da sociedade civil era visto com extrema desconfiança pela ditadura.

Trajetórias

A compreensão da trajetória do cinema de uma nação não pode prescindir da árdua tarefa de resgate do papel das mulheres na produção cinematográfica nacional. É o que o revela o caso de Alice Guy-Blaché (1873-1968), diretora, roteirista e produtora francesa cujo papel fundamental para o de-

envolvimento do cinema da França e dos Estados Unidos vem sendo recentemente resgatado por pesquisadores. Contemporânea dos irmãos Lumière (inventores do cinematógrafo) e do cineasta Georges Méliès, Guy-Blaché praticamente fundou a narrativa de ficção no cinema e fez seu primeiro filme em 1896, apenas um ano após a projeção pública realizada pelos irmãos Lumière, que é considerada o evento inaugural da história do cinema. Visionária, foi precursora na utilização de técnicas cinematográficas como o *close*, a colorização manual do filme preto e branco e a sincronização do som com a imagem antes mesmo do advento do cinema falado. Nas palavras da historiadora Shelley Stamp, enquanto se sustenta “o mito de que o cinema é um jogo de homem”, as carreiras de mulheres como Guy-Blaché continuam obscurecidas.³

A roteirista e diretora norte-americana Lois Weber (1879-1939) foi a primeira mulher a dirigir um filme em seu país. Sua carreira atrás das câmeras iniciou-se em 1908, quando começou a produzir, dirigir e roteirizar filmes, com o auxílio do seu marido Phillips Smalley. Weber realizou filmes com temáticas extremamente polêmicas, como desigualdade social, pena de morte e controle de natalidade, entre 1910 e 1920, como *Shoes* (1916), *The people vs. John Doe* (1916) e *Where are my children?* (1916).

No auge de sua carreira, seu nome era constantemente citado ao lado de D. W. Griffith e Cecil B. DeMille como um dos mais talentosos e influentes na nascente indústria cinematográfica. A partir da década de 1920, Lois Weber, como muitas outras mulheres que na época se aventuravam na produção e direção, tornou-se cada vez mais ausente do mercado. Boa parte de seu trabalho foi perdida e sua influência nos primórdios do cinema, obliterada.

O Brasil tem uma lista igualmente extensa de mulheres que despontaram na produção cinematográfica e cuja importância para a cultura nacional deve ser difundida a fim de compreendermos a força de nosso cinema: Adélia Sampaio, Ana Maria Magalhães, Carmem Santos, Cléo de Verberena, Eunice Gutman, Eva Nil, Gilda Bojunga, Gilda de Abreu, Helena Solberg, Lucia Murat, Maria do Rosário Nascimento e Silva, Sandra Werneck, Suzana Amaral, Vera de Figueiredo... São personalidades que se esforçaram duplamente, como mulheres e como produtoras de cultura, para construir a arte e a história do audiovisual do país.

Com exceção das atrizes, pouco se sabe sobre a atuação de profissionais mulheres nas primeiras produções do cinema nacional, ainda no período silencioso. Isso se deve, em grande parte, às raras referências na imprensa da época sobre a atuação de mulheres

3 WEITZMAN, Elizabeth. A century late, a giant of early cinema gets her closeup. *The New York Times*, April 26, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/04/26/movies/alice-guy-blache-be-natural.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.

nas funções técnico-criativas das produções, bem como às informações esparsas e descontraídas, relativas aos créditos dos filmes. Nesse cenário de ausência e ocultação de informações sobre o trabalho feminino no cinema, Cléo de Verberena é apontada como a primeira diretora brasileira e a única do período silencioso, por *O mistério do dominó preto* (1931), do qual também é a protagonista.⁴

Carmem Santos, outra pioneira do cinema nacional, atuava, igualmente, em várias frentes: atriz, diretora, roteirista, produtora. Começando sua carreira atrás das câmaras na década de 1920, trabalhou ao lado de personalidades como Humberto Mauro e Mário Peixoto. Fundou sua própria produtora, dirigiu filmes como *Inconfidência Mineira* (1948) e lutou pela organização da indústria cinematográfica em nosso país. Seu legado, contudo, não escapou do destino daquele de outras cineastas pioneiras: quase todos os seus filmes estão atualmente desaparecidos.

Outra cineasta de destaque é Adélia Sampaio, considerada a primeira cineasta negra brasileira. Enveredou pela área do cinema ainda nos anos 1960, mas apenas a partir do final da década de 1970 dirige seus primeiros curtas-metragens, e lança seu primeiro longa em 1984, *Amor maldito*, no qual abor-

da a homossexualidade feminina, tema secundarizado pelo feminismo brasileiro na época. Junto às suas contemporâneas Maria do Rosário Nascimento e Silva e Vera de Figueiredo, estas cineastas “ocuparam o espaço público e problematizaram em seus filmes papéis sociais atribuídos às mulheres [...], constituindo e direcionando o olhar para diferentes *modos de existência*, que ao inventar novos personagens e percursos, desestabilizavam, já no ato de fazer filmes, os comportamentos que lhes eram socialmente reservados”.⁵

Lucia Murat, cineasta homenageada desta edição do Arquivo em Cartaz, iniciou sua carreira cinematográfica no final dos anos 1970, lançou seu primeiro filme, o média-metragem *O pequeno exército louco*, em 1984, e o primeiro longa em 1989, *Que bom te ver viva*. Este último filme, uma mistura de documentário e ficção, intercala depoimentos de ex-presas políticas durante o regime militar com cenas ficcionais protagonizadas por Irene Ravache, exercendo um importante papel no resgate da memória de mulheres vítimas de abusos e torturas durante aquele período. Nos filmes que dirigiu – como *Praça Paris* (2018), *A memória que me contam* (2012), *Uma longa viagem* (2011) e *Quase dois irmãos* (2004) –, Murat busca refletir sobre a ditadura

4 ARAÚJO, Luciana Corrêa de. Cléo de Verberena e o trabalho da mulher no cinema silencioso brasileiro. In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti (org.). *Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro* [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papirus, 2018.

5 CAVALCANTE, Alcilene. Cineastas brasileiras (feministas) durante a ditadura civil-militar. In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti (org.). *Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro*, op. cit., grifo no original.





militar e suas consequências, o medo, a paranoia e o autoritarismo da sociedade brasileira, a luta e a resistência. A diretora foi militante estudantil nos anos 1960, presa e torturada durante o período militar, fato que influenciou sua obra como cineasta. Sua história de vida e sua obra estão intrinsecamente ligadas à história política brasileira.

Mulheres de cinema: (in)visibilidade e desproporção

Se na Hollywood do início do século passado era comum que mulheres desempenhassem papéis centrais na cadeia hierárquica da indústria – seja como atrizes, diretoras, roteiristas ou até mesmo diretoras de estúdios –, com o crescimento da importância do cinema e o aumento exponencial dos lucros auferidos elas passaram a ser excluídas desse processo. De acordo com a historiadora Cari Beauchamp, com a chegada dos filmes falados, no final da década de 1920, os orçamentos logo triplicaram, Wall Street investiu pesadamente e a produção de filmes se tornou uma indústria. Os homens queriam – e conseguiram – esses empregos que pagavam muito e as mulheres foram então marginalizadas desse processo.⁶ A baixa presença das mulheres em postos-chave da indústria cinematográfica começou a ser reverti-

6 FAY, Juliette. When women ran Hollywood. Disponível em: <https://historynewsnetwork.org/article/171719>. Acesso em: 23 jul. 2019.

da apenas há pouquíssimo tempo, e a situação está longe de ser equilibrada.

No trecho da entrevista de Lucia Murat que abre este texto, a cineasta chama a atenção para o fato de que, durante o Cinema Novo, um dos períodos de maior destaque da cinematografia nacional, as atividades que detinham e representavam maior poder, destacadamente a direção, estavam concentradas nas mãos de homens. De acordo com dados da Ancine,⁷ dos 513 filmes nacionais com mais de 500 mil espectadores, entre 1970 e 2018, apenas 22 foram dirigidos ou codirigidos por mulheres, o que representa 4,2% desse total. Não há dados de público precisos para o período anterior a 1970; ainda assim, *O ébrio* (1946), de Gilda de Abreu, é considerado um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema brasileiro e estima-se que tenha sido visto por mais de 12 milhões de pessoas desde o seu lançamento.⁸ Nas últimas décadas vem aumentando o número de mulheres que ingressam na carreira cinematográfica desempenhando papéis diferentes do tradicional na frente das câmeras, passando a atuar como produtoras, roteiristas,

montadoras, pesquisadoras e diretoras. Contudo, no ano de 2016, mulheres dirigiram menos de 20% dos filmes brasileiros lançados, e nenhuma delas é afrodescendente.⁹

O reconhecimento da presença fundamental das mulheres desde os primórdios da produção cinematográfica está na raiz da escolha do tema da quinta edição do Arquivo em Cartaz. Elas foram imprescindíveis ao longo de toda a história do cinema nacional e mundial, mas tiveram suas atuações esquecidas ou ocultadas. Não é difícil perceber que essa ocultação da participação feminina em papéis outros que não o de atriz (de preferência, jovem e dentro dos padrões vigentes de beleza) também acabou por deixar a preocupação com a preservação do seu legado em segundo plano, acentuando seu apagamento.

Mulheres sempre estiveram presentes atuando, dirigindo, produzindo e preservando o cinema. Diante desse cenário de apagamento da sua importância no cinema, que por vezes significou uma exclusão econômica da área, procuramos estimular o resgate e a justa valorização da participação das mulheres. É urgente a recuperação dessa

7 AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (Ancine). Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. Listagem de filmes brasileiros com mais de 500.000 espectadores, 1970 a 2018. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2105.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

8 O ÉBRIO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra70150/o-ebrio>. Acesso em: 22 de jul. 2019.

9 AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (Ancine). Diversidade de gênero e raça nos longas-metragens brasileiros lançados em salas de exibição 2016. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf. Acesso em: 24 jul. 2019.

presença feminina, inclusive para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva e representativa da nossa sociedade, e para incentivar a participação feminina no mercado cinematográfico. O Arquivo em Cartaz pretende ser apenas uma pequena contribuição, um incentivo para essa busca e compreensão sobre o lugar das mulheres na realização cinematográfica.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (Ancine). Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. *Listagem de filmes brasileiros com mais de 500.000 espectadores, 1970 a 2018*. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2105.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

_____. *Diversidade de gênero e raça nos longas-metragens brasileiros lançados em salas de exibição 2016*. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf. Acesso em: 24 jul. 2019.

ARAÚJO, Luciana Corrêa de. Cléo de Verberena e o trabalho da mulher no cinema silencioso brasileiro. In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcani (org.). *Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro* [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papyrus, 2018.

CAVALCANTE, Alcilene. Cineastas brasileiras (feministas) durante a ditadura civil-militar. In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcani (org.). *Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro* [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papyrus, 2018.

FAY, Juliette. When women ran Hollywood. Disponível em: <https://historynewsnetwork.org/article/171719>. Acesso em: 23 jul. 2019.

O ÉBRIO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra70150/o-ebrio>. Acesso em: 22 de jul. 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SIMONE de Beauvoir é inspiração para novo filme de Lucia Murat. *Sempreviva Organização Feminista*, 2015. Disponível em: <http://www.sof.org.br/2015/12/15/lucia-murat/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

WEITZMAN, Elizabeth. A century late, a giant of early cinema gets her closeup. *The New York Times*, April 26, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/04/26/movies/alice-guy-bliche-be-natural.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.